

Dora Kramer*

A direita outra vez se precipita

Ainda é cedo para saber como as coisas vão se desenrolar na Venezuela, e por isso mesmo é possível afirmar que a direita brasileira se precipitou no entusiasmo à captura de Nicolás Maduro pelo governo de Donald Trump.

Esse pessoal já havia levado na cabeça ao festejar o tarifaço, mas não aprendeu uma lição básica do episódio: interferências estrangeiras fora da diplomacia, da Justiça e/ou da negociação política são condenáveis e geram consequências imprevisíveis, não raro péssimas para seus autores.

Cenários aparentemente favoráveis a discursos de um grupo ideológico mudam conforme as circunstâncias. Uma delas tem a ver com a ideia de Trump proporcionar à Venezuela uma transição “segura, adequada e sensata”. Já vimos desastres resultantes de intervenções baseadas em alegações semelhantes.

No afã de restaurar relações de interlocução privilegiada com os EUA e se escorar na defesa da democracia, o grupo de governadores-candidatos perdeu a oportunidade de render homenagens à prudência e à legalidade.

Tarcísio de Freitas (SP), Ronaldo Caiado (GO), Romeu Zema (MG) e Ratinho Júnior (PR) olharam para a derrubada do ditador e ignoraram as violações do pretendente a imperador. Contrariam, assim, a própria estratégia eleitoral de se mostrarem opositoristas de direita moderadamente civilizados.

Correm o risco de morder as respectivas línguas se confirmada intenção de tutela norte-americana na Venezuela. Se houver efeitos negativos para o Brasil e a América Latina nos campos social, geopolítico e econômico, vão precisar fazer um recuo tático. Tardio, pois já terão se colocado no lado escuro da força, o que será usado contra eles na campanha.

Excessos de toda sorte, incluindo os retóricos, levaram a turma de Jair Bolsonaro a reiteradas derrotas. Evidência ignorada por todos os que celebram a tese de que os fins justificam os meios, mas especialmente desastrosa, e talvez mortífera, para quem vende moderação no mercado eleitoral.

*Jornalista e comentaristade política

Paulo César de Oliveira*

O Brasil que nos espera

O Brasil chega em 2026 numa situação das mais complexas - antes dizíamos complicada- sob todos aspectos envolvendo os três Poderes. No Executivo acusações as mais diversas que certamente serão amplificadas, algumas com provas outras não, com o desenrolar da campanha eleitoral No Legislativo, além do Senado e a Câmara não se entendem, vivem batendo de frente com o Executivo sempre em defesa de interesses próprios, não do povo.

O Judiciário nunca se viu tão atacado e mergulhado em tantos escândalos envolvendo alguns de seus ministros. Denúncias que não se comprovam, mas que também não são desmentidas. Faço este comentário constrangido e lamentando a situação, pois convivi com todos os Poderes quando havia elegância e mais pudor.

O tempo cuidou de mudar a situação. O povo ficou alienado, desprezando a política, abrindo espaço para a ascensão de despreparados e oportunistas. E esta não é uma realidade brasileira. Veja, analise, é uma realidade mundial. Não há uma liderança mundial do tamanho dos que conduziram o tempo em meados do século passado. As chamadas lideranças mundiais hoje

são inexpressivas e muitas têm comportamento ditatorial o que leva o mundo a um exaustivo processo de tensão. E nada indica que teremos mudanças. Bem ao contrário, assistimos o mundo caminhando para o radicalismo impulsionado pelo autoritarismo e pela ganância financeira. É preciso ficar atento.

Em 2026 o Brasil tem a oportunidade de começar a mudar sua realidade política. Vamos escolher um novo presidente, um novo Congresso, novos governadores e novas Assembleias Estaduais. É hora de agir de forma consciente, escolher pessoas realmente preparadas, não falsos líderes, não pessoas apenas famosas em suas profissões, não aventureiros, muitos dos quais estão aí exercendo mandatos sem qualquer compromisso com o eleitor que o colocou no cargo na esperança de ter um representante. Alguém que aja no interesse coletivo. Fomos nós eleitores que colocamos o país na situação em que está seguindo radicais, seguindo falsos líderes. Cabe a nós fazermos o caminho de volta.

*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

EDITORIAL

Mais vozes no Conselho de Segurança da ONU

As discussões sobre mudanças nas regras do Conselho de Segurança da ONU, sobretudo no que se refere ao aumento do número de membros permanentes, revelam uma tensão central da política internacional contemporânea: a necessidade de adaptar instituições do pós-Segunda Guerra Mundial a uma realidade global profundamente transformada. O Conselho, criado em 1945, foi estruturado para refletir o equilíbrio de poder daquele período, concedendo assentos permanentes e poder de veto a cinco países. Passadas quase oito décadas, esse modelo mostra sinais evidentes de desgaste.

A principal crítica ao atual formato do Conselho está na sua baixa representatividade. Regiões inteiras, como a África e a América Latina, não possuem nenhum membro permanente, apesar de serem diretamente afetadas por muitas das decisões tomadas pelo órgão. Além disso, países que hoje exercem forte influência econômica, política e diplomática continuam excluídos do núcleo decisório, o que compromete a legitimidade das resoluções aprovadas. Nesse sentido, a ampliação do número de membros permanentes surge como uma tentativa de tornar o Conselho mais condizente com a diversidade e a multipolarida-

de do mundo atual.

Entretanto, essa proposta não está livre de controvérsias. Um dos principais pontos de debate envolve o direito de veto. Se novos membros permanentes forem incluídos mantendo esse privilégio, há o risco de aprofundar a paralisia decisória que já afeta o Conselho em momentos de crise. Conflitos recentes demonstram como o veto é frequentemente utilizado para proteger interesses nacionais, mesmo diante de graves violações do direito internacional. Assim, ampliar o Conselho sem revisar esse mecanismo pode apenas redistribuir o poder, sem torná-lo mais eficaz ou justo.

Ainda assim, resistir a qualquer mudança significa aceitar a perda progressiva de relevância da ONU. Reformar o Conselho de Segurança, inclusive com a ampliação de seus membros permanentes, é um passo necessário para fortalecer o multilateralismo e a cooperação internacional. Um órgão mais representativo tende a gerar maior confiança entre os Estados e a refletir melhor as demandas do século XXI. Embora complexa e politicamente sensível, essa reforma é fundamental para que o Conselho continue sendo um ator central na promoção da paz e da segurança internacionais.

Opinião do leitor

Boas novas

Chegou o Ano Novo, e que tenhamos esperanças, que triunfe, nos homens que governam a terra o tirocínio, a humildade, a sensibilidade e a ética. Eleições e Copa do Mundo são alguns dos desafios em 2026, brasileiros esperam pelo hexa da Seleção. Que 2026 nos brindes com mais humanidade, compaixão e otimismo.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: MOVIEMNTO REVOLUCIONÁRIO DERRUBA O PRESIDENTE DO PANAMÁ

As principais notícias do Correio da Manhã em 6 de janeiro de 1931 foram: Movimento revolucionário no Panamá consegue derrubar o presidente Arosemena. Em discurso para a América Mussolina

ratifica os propósitos pacifistas da Itália. Os preparativos para a continuação do voo da Esquadilha Balbo para o Brasil. Edgar Teixeira toma posse como o novo diretor dos Telégrafos.

HÁ 75 ANOS: TROPAS CHINESESAS REDUZEM SEUL ÀS CINZAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 6 de janeiro de 1951 foram: Tropas chinesas içam bandeiras na cidade de Seul, reduzida às cinzas. Inagurou-se a conferência da comunidade britânica. Bra-

sil comprará dois cruzadores dos Estados Unidos. Governo manda para a Câmara uma lei de promoções para o Exército. Em diversos pontos do país, os comunistas celebraram o aniversário de Prestes.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral) | Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br | redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Thiago Ladeira e Anderson Sá

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20
São Paulo:
Campinas:

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.